

CYBELLE SALVADOR MIRANDA

Atmosferas afetivas nos ambientes das misericórdias do Norte do Brasil

Affective atmospheres in the environments of the Misericórdias in Northern Brazil

Atmósferas afectivas en los ambientes de las Misericórdias del Norte de Brasil

Cybelle Salvador Miranda

Professora Titular da Universidade Federal do Pará, atuando na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Tecnologia da UFPA. Coordena o Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural, com trabalhos na área de Arquitetura e Urbanismo, lidera o Grupo Arquitetura, memória e etnografia. Integra como colaboradora o Centro de Literaturas e Culturas lusófonas e europeias (CLEPUL/Universidade de Lisboa) e o Centro de Estudos Globais (Universidade Aberta – Portugal). Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará (1997), Doutorado em Ciências Sociais (Antropologia) pela Universidade Federal do Pará (2006). Pós-doutorado em História da Arte pela Universidade de Lisboa (2015). Pesquisadora PQ 2 do CNPq.

Full Professor at the Federal University of Pará, working at the Faculty of Architecture and Urbanism and the Postgraduate Program in Architecture and Urbanism at the Institute of Technology of UFPA. Coordinates the Laboratory of Memory and Cultural Heritage, Leads the Architecture, Memory and Ethnography Group. She is a collaborator of the Center for Lusophone and European Literatures and Cultures (CLEPUL/Universidade de Lisboa) and the Center for Global Studies (Universidade Aberta – Portugal). Graduated in Architecture and Urbanism from the Universidade Federal do Pará (1997), PhD in Social Sciences (Anthropology) from the Universidade Federal do Pará (2006). Post-doctorate in Art History by Universidade de Lisboa (2015). PQ 2 researcher at CNPq.

Catedrática de la Universidad Federal de Pará, adscrita a la Facultad de Arquitectura y Urbanismo y al Programa de Posgrado en Arquitectura y Urbanismo del Instituto Tecnológico de la UFPA. Coordina el Laboratorio de Memoria y Patrimonio Cultural, con trabajo en el área de Arquitectura y Urbanismo, y dirige el Grupo de Arquitectura, Memoria y Etnografía. Colabora con el Centro de Literaturas y Culturas Lusófonas y Europeas (CLEPUL/Universidad de Lisboa) y el Centro de Estudios Globales (Universidad Abierta de Portugal). Es licenciada en Arquitectura y Urbanismo por la Universidad Federal de Pará (1997), doctora en Ciencias Sociales (Antropología) por la misma universidad (2006) y doctora en Historia del Arte por la Universidad de Lisboa (2015). Es investigadora del Programa de Formación Cualificada (PQ 2) del CNPq.

cybelle1974@hotmail.com

Resumo

Ao longo de nossa permanência em ambientes de saúde durante as pesquisas em hospitais na Amazônia brasileira, o recurso às estratégias etnográficas guiou nosso olhar para as ambiências interiores em condições de vulnerabilidade dos sujeitos. O estar lá exige a presença da pesquisadora, que percorre os ambientes na expectativa de ser um espectro, mas sua presença é vista e, a despeito da sua vontade, afeta os sujeitos, envolvidos num cotidiano de cuidados à saúde. O ato de olhar implica na reciprocidade de ser olhado pelas pessoas e pelas coisas, numa reflexividade em que, como nos conta Didi-Huberman (2010), as coisas criam em nós um vínculo, e as interações modificam nossa maneira de ser e de pensar. Flanando pelos corredores dos hospitais antigos, com suas amplas janelas de madeira, descortinando vistas para áreas não construídas, deixando entrever um recorte do céu, vivo a experiência de afetar e ser afetada pelos detalhes: pisos cimentados, revestimentos de azulejo decorados, pinturas levemente esmaecidas, cheiro e cor de limo nas paredes exteriores. Nestes contextos pitorescos, as texturas emergem enquanto marcadores de simpatia com os espaços construídos e a passagem do tempo. O artigo integra a pesquisa *Arquitetura Hospitalar: paradigmas de sustentabilidade e humanização na contemporaneidade pós-pandêmica*, financiada pelo CNPq. Diante da atmosfera de ruína que perpassa as ambiências dos hospitais da Santa Casa de Misericórdia do Pará, de Manaus e do Maranhão, cabe pôr em questão os critérios de intervenção em preexistências que primam pelo valor de novidade e de completude, e desconsideram a simpatia expressa entre o objeto arquitetônico e os sujeitos, o engajamento profundamente enraizado entre nós e as coisas, que transcende a questão do gosto. Reflexões que possam gerar diretrizes para projetos de intervenção em ambientes de saúde marcados indelevelmente pelo tempo e pelas pessoas e seus afetos, considerando as simpatias entre nós e as coisas como conteúdo válido e significativo. Numa perspectiva teórica em que a noção de verdade é mais uma construção que uma descoberta, desvelar os elementos que conectam os seres e coisas em simpatia, num momento de vulnerabilidade, desafia os métodos e preceitos convencionais que balizam as intervenções no espaço construído.

Palavras-chave: Ambientes de saúde. Etnografia. Simpatia. Misericórdias. Amazônia.

Abstract

Throughout our stay in healthcare settings during hospital research in the Brazilian Amazon, the use of ethnographic strategies guided our gaze toward the interior environments in conditions of vulnerability of the subjects. Being there requires the presence of the researcher, who roams the environments expecting to be a specter, but her presence is seen and, despite her will, affects the subjects, involved in the daily routine of healthcare. The act of looking implies the reciprocity of being looked at by people and things, a reflexivity in which, as Didi-Huberman (2010) tells us, things create a bond within us, and interactions change our way of being and thinking. Strolling through the corridors of old hospitals, with their large wooden windows, revealing views of unbuilt areas, allowing a glimpse of the sky, I lived the experience of affecting and being affected by the details: cement floors, decorated tile coverings, slightly faded paintings, the smell and color of lime on the exterior walls. In these picturesque contexts, textures emerge as markers of sympathy with built spaces and the passage of time. This article is part of the research project "Hospital Architecture: Paradigms of Sustainability and Humanization in the Post-Pandemic Contemporary Era," funded by CNPq. Given the atmosphere of ruin that

Atmosferas afetivas nos ambientes das misericórdias do Norte do Brasil

Affective atmospheres in the environments of the Misericórdias in Northern Brazil

Atmósferas afectivas en los ambientes de las Misericórdias del Norte de Brasil

permeates the environments of the Santa Casa de Misericórdia hospitals in Pará, Manaus, and Maranhão, it is important to question the criteria for intervening in preexisting structures that prioritize the value of novelty and completeness, and disregard the sympathy expressed between the architectural object and the subjects, the deeply rooted engagement between us and things, which transcends the question of taste. Reflections that can generate guidelines for intervention projects in healthcare environments indelibly marked by time and by people and their affections, considering the sympathies between us and things as valid and meaningful content. From a theoretical perspective in which the notion of truth is more a construction than a discovery, revealing the elements that connect beings and things in sympathy, in a moment of vulnerability, challenges the conventional methods and precepts that guide interventions in built spaces.

Keywords: Health environments. Ethnography. Sympathy. Mercies. Amazon.

Resumen

A lo largo de nuestra estancia en entornos sanitarios durante una investigación hospitalaria en la Amazonia brasileña, el uso de estrategias etnográficas guió nuestra mirada hacia los entornos interiores en condiciones de vulnerabilidad de los sujetos. Estar allí requiere la presencia de la investigadora, que recorre los entornos esperando ser un espectro, pero su presencia es visible y, a pesar de su voluntad, afecta a los sujetos, involucrados en la rutina diaria de la atención médica. El acto de mirar implica la reciprocidad de ser observado por personas y cosas, una reflexividad en la que, como nos dice Didi-Huberman (2010), las cosas crean un vínculo dentro de nosotros y las interacciones cambian nuestra forma de ser y pensar. Paseando por los pasillos de antiguos hospitales, con sus grandes ventanales de madera que revelan vistas de áreas no construidas y permiten vislumbrar el cielo, experimento la experiencia de afectar y ser afectado por los detalles: pisos de cemento, revestimientos de azulejos decorados, pinturas ligeramente descoloridas, el olor y el color de la cal en las paredes exteriores. En estos contextos pintorescos, las texturas emergen como marcadores de empatía con los espacios construidos y el paso del tiempo. Este artículo forma parte del proyecto de investigación "Arquitectura Hospitalaria: Paradigmas de Sostenibilidad y Humanización en la Era Contemporaneidad Pospandémica", financiado por el CNPq. Dada la atmósfera de ruina que impregna los entornos de los hospitales Santa Casa de Misericórdia en Pará, Manaus y Maranhão, es importante cuestionar los criterios de intervención en estructuras preexistentes que priorizan el valor de la novedad y la completitud, e ignoran la empatía expresada entre el objeto arquitectónico y los sujetos, el profundo vínculo entre nosotros y las cosas, que trasciende la cuestión del gusto. Reflexiones que pueden generar directrices para proyectos de intervención en entornos sanitarios indeleblemente marcados por el tiempo y por las personas y sus afectos, considerando las empatías entre nosotros y las cosas como un contenido válido y significativo. Desde una perspectiva teórica en la que la noción de verdad es más una construcción que un descubrimiento, revelar los elementos que conectan a los seres y las cosas en la empatía, en un momento de vulnerabilidad, desafía los métodos y preceptos convencionales que guían las intervenciones en espacios construidos.

Palabras clave: Entornos de salud. Etnografía. Simpatía. Misericordia. Amazonía.

Ambiência arquitetônica das Misericórdias no Norte do Brasil

O presente artigo é uma versão ampliada e revista daquele publicado em: MIRANDA, Cybelle Salvador. Affective atmospheres in vulnerable environments In: **5º Congresso Internacional sobre Ambiências** Anais, 2024, Rio de Janeiro. *Sensory explorations ambiances in a changing world*. Lisboa/Rio de Janeiro: International Ambiances Network, 2024, v.1, p.3608.f

As incursões etnográficas em ambientes assistenciais de saúde foram vividas pela pesquisadora enquanto momentos de descoberta de ambiências, nas quais nossa sensibilidade era aguçada pela vulnerabilidade das condições materiais e dos sujeitos. A presença nos locais é uma exigência epistemológica, uma vez que estar lá é condição para viver e narrar as experiências e sensações capturadas pelos sentidos afetados pela materialidade (Geertz, 2009). Assim, a fenomenologia da percepção “se debruça sobre essa experiência vivida, transcendendo a dualidade entre o físico e o psíquico e trazendo a compreensão do corpo como mediador do mundo” (Duarte et al, 2022, p. 37).

O ato de olhar implica na reciprocidade de ser olhado pelas pessoas e pelas coisas, numa reflexividade em que, como nos conta Didi-Huberman (1998), as coisas criam em nós um vínculo, e as interações modificam nossa maneira de ser e de pensar. Flanando pelos corredores dos hospitais antigos, com suas amplas janelas de madeira, descortinando vistas para áreas não construídas, deixando entrever um recorte do céu, vivo a experiência de afetar e ser afetada pelos detalhes: pisos cimentados, revestimentos de azulejo decorados, pinturas levemente esmaecidas, cheiro e cor de limo nas paredes exteriores. Em tais ambientes, as formas e texturas emergem enquanto marcadores de simpatia e denotam a passagem do tempo.

Conforme comenta Spuybroek (2016), o pitoresco é uma forma de empacotar as coisas num movimento de entrada e saída, em que o objeto é dominado pelo tempo, o que traduz sua condição de vulnerabilidade e fragilidade, que ganha a simpatia humana. Como as condições atmosféricas de céu nublado e chuva conformam as percepções de ambientes fechados: um estado de melancolia contida, em que as paredes do edifício se solidarizam com as dores, perdas e aflições daqueles que lá convivem. Diante da atmosfera de ruína que perpassa as ambiências dos hospitais da Santa Casa de Misericórdia do Pará, de Manaus e do Maranhão, cabe pôr em questão os critérios de intervenção em preexistências que primam pelo valor de novidade e de completude, e desconsideram a simpatia expressa entre o objeto arquitetônico e os sujeitos, o engajamento profundamente enraizado entre nós e as coisas, que transcende a questão do gosto.

Contudo, o sentido estético diz respeito aos sentimentos que temos diante das coisas, e a simpatia indica o engajamento profundo entre nós e elas (Spuybroek, 2016). Assim, simpatia é mais ligada ao sentimento do que ao pensamento, reconhecendo uma reciprocidade mental e corporal entre nós e os objetos.

A arquitetura assistencial delineada pelos edifícios construídos pelas confrarias da misericórdia em território brasileiro baseou-se, nos séculos XIX e XX, na construção de edifícios próprios para a finalidade de cuidado à saúde. Atualmente, resistem os hospitais da Santa Casa de Misericórdia do Pará e do Maranhão, estando o exemplar de Manaus parcialmente demolido, e sem função definida.

O complexo hospitalar da Santa Casa de Misericórdia do Pará (SCMPA) é um conjunto pavilhonar inaugurado em 1900, usando preceitos higienistas inclusive na sua localização, situada em terreno seco e alto, afastado do núcleo pioneiro da cidade de Belém.

Segundo Miranda et al (2015, p. 10) “destaca-se que os hospitais tradicionais ocupavam área valorizada, enquanto os asilos destinados a tratar doentes contagiosos situavam-se afastados do núcleo inicial”. No caso de Belém, o Hospital da Caridade localizava-se inicialmente no bairro da Cidade Velha, no núcleo pioneiro da cidade, sendo transferido para o novo endereço no início do século XX.

Quanto ao hospital de Manaus, capital do estado do Amazonas, foi inaugurado em 1878, iniciando o atendimento em 1880. O edifício era uma edificação térrea, construído em alvenaria, com telhado de madeira e cobertura de telha cerâmica, janelas de madeira com ombreiras de cantaria, porta de acesso principal em madeira com soleira e volta em pedra de Lioz. As linhas simples com traços coloniais, foram, ao longo das reformas, sendo substituídas por elementos característicos do classicismo imperial no desenho dos vãos de portas e janelas, demarcados em pedra. Apesar de ser um hospital edificado na segunda metade do século XIX, a tipologia original era claustral (Silva, 2021). Em reformas das primeiras décadas do século XX, foram acrescentadas algumas estruturas pavilhonares, e desenhados paisagisticamente os espaços verdes situados nos intervalos entre as construções.

Porém, um dos pontos mais significativos destas intervenções incidiu na substituição dos pisos de madeira por pisos cimentados revestidos por ladrilhos hidráulicos, que se tornaram marcas destes edifícios até o presente. De tal modo, nas ruínas do Hospital da Santa Casa de Manaus, detectou-se que a presença de diversos padrões de revestimento consiste em bens patrimoniais integrados ao edifício (Silva e Miranda, 2021).

O hospital da Santa Casa do Maranhão também foi construído em terreno situado na área mais antiga da cidade de São Luís. Este foi inaugurado em 1814, sendo ampliado durante o século XIX. Assim como a sua congênere de Manaus, mantém-se como Associação civil, sem ser gerida diretamente pelo Estado, como veio a ocorrer com a Fundação Santa Casa do Pará, em 1990.

As pesquisas realizadas pelo Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural (FAU/UFPa) vêm investigando aspectos de suas arquiteturas, sob o olhar da história da arte e da etnografia, apontando para o entendimento deste acervo complexo e seu papel para caracterizar estas instituições no cuidado à saúde e aos cidadãos das cidades do Norte do Brasil, sob a inspiração dos compromissos elaborados pelas Misericórdias Portuguesas. Destacamos a monografia de Beatriz Lobato (2021), a dissertação de Ana Valéria Barros (2019) e o artigo de Cybelle Miranda e Joana Pinho que contrapõe as capelas hospitalares em Portugal e no Norte do Brasil (2021), assim como a dissertação de Camyla Silva sobre a Santa Casa de Manaus (2021) e o artigo de Ana Maria Cruz e Cybelle Miranda sobre a capela de Manaus (2025). Tais estudos são pioneiros e contribuem para a compreensão do fenômeno da caridade na longa duração e os distintos caminhos que conduziram à sobrevivência e arruinamento destes complexos de saúde.

Diante desta explanação, passemos às experiências empreendidas nos lugares arquitetônicos das misericórdias do Norte brasileiro, considerando para tal, a noção do corpo ampliado pelos sentidos, em que o caminhar permite abrir novos mundos para a pesquisadora, ao transpassar os umbrais que demarcam o limite entre os espaços da rua e do hospital.

Desvendando ambiências em hospitais antigos

Num dia chuvoso, tive meu primeiro contato com o Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Maranhão. Foi num mês de janeiro de 2019, em que intensas chuvas marcam o inverno amazônico. Também num momento de chuva, adentrei mais uma vez o complexo pavilhonar da SCM do Pará, para o início da pesquisa, em 2022¹.

¹ Pesquisa aprovada pelo CNPq edital CNPq/MCTI/FNDCT N° 18/2021– UNIVERSAL, processo 404425/2021-6.

Atmosferas afetivas nos ambientes das misericórdias do Norte do Brasil

Affective atmospheres in the environments of the Misericórdias in Northern Brazil

Atmósferas afectivas en los ambientes de las Misericórdias del Norte de Brasil

Porém, que diferença de sensação ao adentrar nos dois hospitais: enquanto na SCM do Maranhão fui abrigada por um amplo vão de porta arrematado por gradis em ferro, e, no interior, um piso de ladrilhos decorados com as cores e a estrela da bandeira do estado do Maranhão, cujas cadeiras da espera contrastam com o revestimento trabalhado em madeira escura formando um banco que se prolonga na barra alta nas paredes, na SCM do Pará, o acesso ocorre em um retângulo de teto baixo, piso cinza e paredes em tons creme, cuja luz branca agride os olhos dos usuários que adentram o espaço.

A presença de ambos os edifícios é marcante na paisagem, contudo, na Santa Casa do Pará a entrada ocorre por uma via secundária, cuja placa tímida indica os acessos de funcionários e usuários, no qual se adentra sem nenhuma cerimônia, no rés do chão, sendo o saguão dotado de poucos assentos, razão pela qual muitos usuários esperam seus atendimentos sentados nos canteiros das árvores da rua, conforme figuras [1,2].



FIGURA 1 – Mosaico umbral de acesso Santa Casa do Maranhão.

Fonte: autora, 2025; 2019.



FIGURA 2 – Os limiares interior-externo revelam deficiências de acessibilidade.

Fonte: autora, 2023; Ronaldo Marques de Carvalho, 2022.



Atmosferas afetivas nos ambientes das misericórdias do Norte do Brasil

Affective atmospheres in the environments of the Misericórdias in Northern Brazil

Atmósferas afectivas en los ambientes de las Misericórdias del Norte de Brasil

Em São Luiz, apesar da rua estreita, logo ao me aproximar, identifiquei a larga fachada branca, revestida por azulejos, os quais, segundo placa metálica afixada junto à entrada, foram introduzidos em reforma dos anos 70 do século XX.

O movimento de pacientes era pequeno, se comparado a SCM do Pará; um vendedor de sombrinhas veio oferecê-las aos que aguardavam atendimento. O limiar da entrada não oferece barreiras. Notei logo, nas laterais, dois bancos corridos de madeira engastados nas paredes, cujo encosto lembra os de igrejas. Bandeiras gradeadas em ferro preenchem vão em formato de arco ogival, e, após o balcão, uma escadaria em três lances confere monumentalidade ao espaço.

O acesso aos ambientes interiores em tempo de chuva mostrou-se também um diferencial: enquanto em Belém, com a chuva torrencial, decidimos atravessar a área descoberta com a proteção de sombrinhas, e adentramos um corredor coberto, escuro, com piso irregular e sinalização insuficiente, o qual confere acesso aos intermináveis corredores do porão do Hospital.

Na SCM do Maranhão, os corredores são todos internos, facilitando o acesso dos usuários, sem o inconveniente de se molhar, bem como o posicionamento centralizado do hall de espera e da escada principal auxilia na orientação de quem percorre o hospital. Apesar das recomendações da Vigilância Sanitária, ainda resiste no corredor de acesso à capela o piso em tábuas de madeira e o madeiramento do telhado aparente, sem forração.

Deste corredor, por janelas em mau estado, visualiza-se o pátio interno, e as paredes sem pinturas das enfermarias posteriores. O ar de abandono e melancolia impera. O bonito volume adornado por bossagens e arcos ogivais corresponde à caixa da escada, com iluminação feita por vitrais coloridos. Nos corredores, alternam-se diferentes desenhos de ladrilhos hidráulicos, nas cores preto e branco ou vinho e branco, provavelmente dos anos 40 do século XX.

Na SCM do Pará, ao caminhar pelos corredores fechados, surgem vitrais com imagens de santos, bandeiras de vidro colorido, venezianas, portas e janelas de madeira, peitoris de mármore, alguns nativos nos cumprimentam, mas ninguém se importa com o que estamos buscando, no vaivém contínuo entre setores de serviço, obras e cuidados à saúde [3].

FIGURA 3 – Janelas e pisos na Santa Casa do Maranhão (esquerda) e Santa Casa do Pará (direita).

Fonte: autora, 2019, 2023.



Atmosferas afetivas nos ambientes das misericórdias do Norte do Brasil

Affective atmospheres in the environments of the Misericórdias in Northern Brazil

Atmósferas afectivas en los ambientes de las Misericórdias del Norte de Brasil

FIGURA 3 (continuação) –
Janelas e pisos na Santa Casa
do Maranhão (esquerda) e Santa
Casa do Pará (direita).

Fonte: autora, 2019, 2023.



Os setores do hospital são pavimentados com ladrilhos hidráulicos com motivos diversos, sendo aqueles do Maranhão em cores mais escuras e neutras, com desenhos geométricos, enquanto que no Pará, predominam os desenhos ao estilo *Art Nouveau*, com fundo claro e tons de cores variadas.

Nas ruínas da Santa Casa de Manaus, a atmosfera crepuscular emerge da fachada abandonada, cujos interiores podem ser acessados apenas por pessoas em situação de rua ou pelos frequentadores da capela, único ambiente que se mantém em uso, apesar do abandono. As janelas fechadas encerram um conjunto de memórias e os fragmentos de espaços antes tão dinâmicos e relevantes para a população do Amazonas.

FIGURA 4 – A fachada e a solidão
ao crepúsculo.

Fonte: autora, 2013.

Ao final da tarde, a luz do ocaso doura a fachada pintada em motivos de *rusticatto* à italiana, sendo poucos os transeuntes que se atrevem a percorrer este setor da antiga Manaus. A arquitetura é tomada por vegetação e por animais em busca de abrigo, cujos uivos e latidos interrompem o silêncio que envolve a atmosfera do lugar [4 e 5].





FIGURA 5 – O arruinamento do edifício com os musgos e animais que ocupam o lugar dos humanos.

Fonte: Nadime Alvarenga, 2024.

Marcadores de simpatia espacial e os requisitos de projeto

A poética do espaço, de Gaston Bachelard (1996) nos conduz por apreciações sensoriais e sentimentais, em que o espaço é integrante da ontologia do ser. A fenomenologia orienta-se pela própria brevidade da imagem.

Entende-se então as ambiências como as expressões de micro eventos que emergem das interações dinâmicas entre a sensibilidade do sujeito e seu contexto, o que Paxinou denomina de *emerging ambiances* (Paxinou, 2016). A ambiência é a ligação transparente entre o espaço projetado e o ser vivo, o que encoraja inovações no desenho arquitetônico pela ativação de eventos, sejam eles inesperados ou aqueles expressos nas interações cotidianas.

Tendo em vista nosso objeto, as preexistências arquitetônicas, considera-se que há formas e elementos presentes em edifícios mais antigos que afetam seus usuários com solicitações multi-sensoriais, que abrangem aspectos da própria dinâmica da passagem do tempo, que impõe desgastes, assimetrias, odores, e ativam recordações pelo potencial de rememoração não intencional, muitas das quais promovem o sentido de habitar.

Partindo de premissas como “todo canto é o gérmen de uma casa”, cabe aos arquitetos o ato de reconstruir a alma dos cantos que, de meros ninhos de poeira, pode vir a tornar-se um armário de lembranças (Bachelard, 1996, p. 151). Um canto curvo é uma geometria habitada, um convite a abrigar-se e a conformar a identidade do ser, exaltando as nuances do nosso apego.

Ao deparar-se com as frestas que o tempo desenha nas paredes, estas marcas levam a ativação do potencial imaginal do sujeito, numa associação entre memória e imaginação. No espaço que retém o tempo comprimido, as lembranças são tão mais sólidas quanto mais bem espacializadas.

Localidades como o porão, repositório da irracionalidade das profundezas, as escadas e o sentido de verticalidade, o umbral enquanto lugar sagrado de chegadas e partidas são dimensões essencial à existência do ser no mundo.

Pallasmaa (2017) já nos conta sobre o ato de habitar enquanto revelador das origens ontológicas da arquitetura, sendo, todo edifício, em essência, um abrigo, que instaura uma marca no espaço-tempo. As habitações são meios de domesticar o tempo, reduzido à escala humana e a sua continuidade, “são museus benevolentes do tempo, que registram, armazenam, e mostram traços temporais diferentes de nossa atual noção de tempo, nervosa, apressada e plana” (2017, p. 9). E as arquiteturas do passado revelam um tempo consistente e tátil.

Embasado nos ensinamentos de Jung, Pallasmaa propõe entender os arquétipos arquitetônicos, tais como a porta e a janela. A janela, ao mesmo tempo em que enquadra a paisagem, se abre para o sonho, sendo as venezianas propícias ao estado onírico. As janelas de vidro nos fazem perder o senso de enquadramento, de interior e exterior, tornou-se uma parede transparente.

Alguns aspectos são marcantes no acolhimento dos usuários em hospitais, um deles é a fachada. Elas funcionam como marcos urbanos e identificadores espaciais. Considerando o que Pallasmaa nos ensina sobre a arte de construir, que deve ser a defensora do silêncio e da lentidão necessários ao mundo da experiência (2017, p. 117), ao adentrar nestes espaços, o hall de acesso serve como momento de acolhimento e reflexão, aspecto que notamos no Hospital do Maranhão, mas que, na Santa Casa do Pará, perdeu-se completamente com o deslocamento dos acessos ao edifício (Miranda e Lobato, 2021).

Nos amplos corredores, os pisos são significativos por nos indicar os caminhos e diferenciar setores, é um aspecto que comunica a dimensão ampliada no tempo da existência destas arquiteturas da saúde. A permanência de extensos tapetes de ladrilhos hidráulicos nas Santas Casas situa e acolhe o usuário numa empatia com a noção de lar.

Em 50 anos de estudos sobre antropologia da figuração, Philippe Descola (2023) aponta para a existência de uma diversidade de composição de mundos. Os modos de identificação são os filtros ontológicos que são incorporados pela socialização e servem para enquadrar nossas práticas, elegendo as formas significativas das demais. O autor exalta a importância do emprego de motivos ornamentais em objetos cotidianos, estimulando nossa imaginação visual, cujas formas possuem potencial iconogênico, ou seja, de evocar nos observadores um referente conhecido, apesar de não serem desenhos miméticos. Citando Gell, tais motivos ornamentais funcionam como:

Mecanismos que captam e fixam a atenção, capazes de suscitar um vínculo com os objetos que eles ornamentam, [...] porque o efeito de fascinação que os motivos suscitam conduz a um desprendimento em relação ao ambiente expandido e às preocupações mundanas daquele que os observa (Descola, 2023, p. 42).

Portanto, o uso de composições tidas como ornamentais propicia um estado de alheamento do sujeito, que permite que este se conecte com a transcendência, evadindo-se dos sofrimentos e angústias do momento.

Porque visar o futuro se as sensações de aconchego, nostalgia e pertencimento estão presentes nos rastros deixados nas texturas do tempo? O pitoresquismo que permite que as coisas se mantenham em movimento, que resiste à estabilidade da imagem e retorna ao objeto, a arte de “ser esmagado pelo tempo, e sua vulnerabilidade, esta fragilidade é que imediatamente ganha nossa simpatia” comenta Spuybroek (2016, p. 211. tradução da autora).

Segundo Gilpin (1792 apud Carchia e D’ Angelo, 2003), o conceito de sublime se associa ao polimento e o pitoresco se expressa por superfícies ásperas e contornos irregulares, presentes nas ruínas. O caráter monumental associado ao sublime afasta do humano, presente dos detalhes pitorescos. As estéticas polifônicas abrem-se para expressar a pluralidade dos tempos e dos sujeitos, impondo-se cada vez mais como modo de agir e pensar a arquitetura. Nas culturas amazônicas, os hibridismos são a base compositiva, em que o vernacular e o erudito se ajustam de modos imprevistos e fantásticos.

Aceitar a fragilidade dos materiais é coloca-los em relação com a fragilidade humana, com a dinâmica da passagem do tempo e da perecibilidade da nossa dimensão bio-cultural. Deste modo, as marcas do tempo são indicadores de humanização dos espaços, são testemunhos materializados de que diversas gerações de seres humanos transitaram e viveram momentos de dores e restabelecimento nestes ambientes.

Os resultados da pesquisa Arquitetura Hospitalar indicam contribuições relevantes para o planejamento de intervenções nas arquiteturas de hospitais antigos, como aqueles que abrigam as misericórdias, acentuando a necessidade de considerar a percepção dos usuários como parte do processo de decisão quanto às reformas efetuadas. Incluir os estudos fenomenológicos no processo de planejamento hospitalar garante a melhoria efetiva da assistência, cuidando para que não seja prejudicada a leitura de partidos, morfologia tipológica e detalhes arquitetônicos.

Dentre estas, destaca-se a necessidade de promover o cuidado sistemático com as áreas verdes, cujo papel é essencial em edifícios pavilhonares, bem como manter a dimensão das esquadrias antigas, compatíveis com a melhor renovação do ar interno, iluminação natural e contato com a paisagem exterior.

Na elaboração da Cartilha Ambientes hospitalares: sustentabilidade e humanização (2025), buscou-se responder à pergunta: Quais os caminhos para preservar hospitais antigos após a pandemia? Baseando-se na sondagem de percepção dos usuários, concluiu-se que é preciso ativar o senso de coerência do usuário e, para isso, contribuem a melhoria na orientação nos complexos hospitalares, que pode ser atingida pela inserção de fotografias, oratórios e revestimentos decorados, e o senso de significado, que é ativado por elementos ornamentais e detalhes de esquadrias.

Detalhes ornamentais como forros em estuque, murais em mosaico, revestimentos históricos (ladrilhos hidráulicos, opalina, vitrais, gradis metálicos), imagens religiosas e altares devocionais se vinculam à afetividade dos usuários. Portanto, estes são elementos humanizadores, que remetem os usuários a memórias reconfortantes, contribuindo para o sentimento de lar.

Considerações Finais

Nas intervenções de restauro, os materiais originais, quando preservados, são dados a ver em vitrines enquanto excepcionalidades, e não como parte integrante da forma e da ambiência dos locais, artificializando sua existência. Assim, nortear as intervenções em ambientes específicos como os assistenciais, em que as necessidades constantes de modernização e adaptação às normas técnicas incidem na renovação de materiais de pisos e paredes, baseando-se na percepção das ambiências por seus usuários, é uma estratégia ainda inédita, que permite ampliar as possibilidades de consolidar o reconhecimento dos valores de antiguidade, histórico e afetivo nestes hospitais.

O conceito de autenticidade, conforme discutido por Choay (Ribeiro Peixoto, 2024), é incerto e deve considerar que as arquiteturas são destinadas à impermanência, sendo o constante desejo de modernização o maior desafio ao qual nos defrontamos hoje. Discutindo as noções de autenticidade e verdade, Munõz Vinãs defende que a Teoria Contemporânea da Restauração assume estado autêntico como estado atual. “Em definitivo, o reconhecimento de que podem existir vários protoestados (que dependem de quem o estabeleça e de suas ideias particulares) é, ou deveria ser, uma premissa fundamental em qualquer operação de Restauração” (2003, p. 90-91, tradução da autora).

Num mundo em mudança acelerada, não resta ‘pedra sobre pedra’ e o diálogo com as formas e texturas presentes nos interiores se perde no afã de tudo mudar. O poder das imagens encarnadas em objetos e mobiliários é influenciado por sua linguagem estética que afeta os usuários dos espaços, sendo fundamental o diálogo com aqueles que vivenciam tais ambientes periodicamente. Estes se conectam de modo pessoal com os estímulos sensoriais das ambiências, desenvolvendo vínculo com os espaços e estratégias de orientação espacial e tornando os padrões ornamentais em distrações positivas durante períodos de espera prolongada.

Admitimos ser este artigo parte de uma investigação inicial, em que os ambientes analisados são tomados como exemplos para construir um delineamento metodológico que permita dar conta das relações recíprocas de afeto entre sujeito e matéria construída, enveredando pelo conceito de atmosfera como o médium para abordar a conservação de edifícios antigos. Portanto, os achados e conclusões são condizentes com uma especulação teórica embasada na percepção da investigadora em campo, em que os saberes da história da arte, da estética e da antropologia se entrelaçam para conduzir o trabalho do arquiteto em ambientes vulneráveis.

Por fim, propõe-se a abertura de uma linha de investigação científica baseada em evidências perceptivas que possa dar subsídios concretos às noções abstratas de valor de antiguidade e valor histórico, propostas por Riegl (2006). O estudo das ambiências é estratégico para que a vivência dos usuários possa ser incorporada ativamente no processo de projeto em ambientes de saúde, nos quais os afetos sejam valorizados e tomados como dados científicos para produzir intervenções humanizadoras. No contexto das pesquisas de ambiências, a articulação entre o conceito de atmosfera e a materialidade tectônica dos ambientes de saúde é um caminho promissor para orientar o planejamento de intervenções construtivas mais críticas em tais ambientes. Ao avançar nesta sondagem, se pretende contribuir para que a narrativa crítica do pesquisador em campo construa diretrizes que impactem diretamente o campo da arquitetura em preexistências, avançando no diálogo entre pesquisa científica e prática profissional em arquitetura.

Agradecimentos

A pesquisa à qual este artigo se vincula contou com apoio do CNPq, edital CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021– UNIVERSAL, processo 404425/2021-6.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BARROS, Ana Valéria da Costa. **Memória e identidade: o complexo arquitetônico pavilhonar da fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará como patrimônio cultural da saúde no Pará**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2019, 202 p. [Dissertação]. Universidade Federal do Pará. Belém, Pará, Brasil. 2019.
- CARCHIA, Giovanni; D'ANGELO, Paolo. **Dicionário de Estética**. Lisboa: Edições 70, 2003.
- CRUZ, Ana Maria ; MIRANDA, Cybelle Salvador. A capela como espaço sobrevivente do hospital da Santa Casa de Misericórdia de Manaus – estudo estilístico e preservação. MIRANDA, Cybelle Salvador ; CARVALHO, Ronaldo Nonato Marques de. **Cadernos do Lamemo**. v. 2. Belém, PA : Marques Editora, 2025.
- DESCOLA, Philippe. **As formas do visível uma antropologia da figuração**. São Paulo : Editora 34, 2023.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.
- DUARTE, Cristiane Rose; MIRANDA, Cybelle Salvador; SANTANA, Ethel Pinheiro ; SILVA, Luiz de Jesus Dias da. **Experiência do lugar arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022.
- GEERTZ, Clifford. A antropologia e o cenário da escrita. _____. **Obras e vidas o antropólogo como autor**. Rio: UFRJ, 2009.
- LOBATO, Beatriz Trindade de Oliveira. **Anatomia do complexo pavilhonar da Santa Casa de Misericórdia do Pará: indicadores para sua preservação**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2021, 102p. [Monografia]. Universidade Federal do Pará. Belém, Pará, Brasil. 2021.
- MEIRELES, Mario Martins. **A Santa Casa de Misericórdia do Maranhão** (subsídios para a sua história), s.d. (exemplar datilografado)
- MIRANDA, Cybelle Salvador; BELTRÃO, Jane, HENRIQUE, Marcio Couto, BESSA, Brena. Santa Casa de Misericórdia e as políticas higienistas em Belém do Pará no final do século XIX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, 2015, p. 525-539. <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v22n2/0104-5970-hcsm-2015005000006.pdf>.
- MIRANDA, Cybelle Salvador ; LOBATO, Beatriz Trindade. Complexo pavilhonar da Santa Casa de Misericórdia do Pará: cronologia e percepção de valores. **Revista CPC (USP)**, v.16, 2021.
- MIRANDA, Cybelle Salvador ; Balsa de Pinho, Joana. Chapelles hospitalières luso-brésiliennes: l'espace du sacré dans les misericórdias, entre mémoire et oubli. **Perspective**. v.1, p.179 - 192, 2021.
- MIRANDA, Cybelle Salvador. Affective atmospheres in vulnerable environments In. **5º Congresso Internacional sobre Ambiências Anais**, 2024, Rio de Janeiro. Sensory explorations ambiances in a changing world. Lisboa/Rio de Janeiro: International Ambiances Network, 2024, v.1, p.3608.

MIRANDA, Cybelle Salvador et al. **Ambientes hospitalares: sustentabilidade e humanização**. Belém : Universidade Federal do Pará, 2025.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

PAXINO, Evangelia. The transparency of ambiances in architecture. In. **ICTA2016-Internation Conference on Architecture and Transparency** - Emerging Complexities, Nov 2016, Thessaloniki, Greece. halshs-01615271.

RIBEIRO PEIXOTO, Elane. Autenticidade, uma palavra de Françoise Choay. **Revista Thésis**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, 2024. Disponível em: <https://thesis.anparq.org.br/revista-thesis/article/view/544>. Acesso em: 18 set. 2025.

RIEGL, Alois. **O Culto Moderno dos Monumentos: sua Essência e sua Gênese**. Goiânia: Ed. da UCG, 2006.

SPUYBROEK, Lars. **The Sympathy of Things Ruskin and the Ecology of Design**. London: Bloomsbury, 2016.

SILVA, Camyla Lorena Torres. **Santa Casa de Misericórdia de Manaus (AM): história, patrimônio e significância cultural**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2021, 181p. [Dissertação]. Universidade Federal do Pará. Belém, Pará, Brasil. 2021.

SILVA, Camyla Lorena Torres ; MIRANDA, Cybelle Salvador. The story underfoot: the hydraulic tiles of the Santa Casa de Misericórdia de Manaus as integrated heritage assets. **Cadernos Do Arquivo Municipal**, (16), 2021, 63–78. Disponível em : <https://doi.org/10.48751/CAM-2021-1654>. Acesso em 18 set. 2025.

VIÑAS, Salvador Muñoz. **Teoría contemporánea de la Restauración**. Madrid: Editorial Síntesis, 2003.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma **online** a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 30/09/2025

Aprovado em 04/11/2025